

---

## Shopping-chão: identidade e circulação de pessoas e objetos em uma feira de “antiguidades” e “usados” no Centro do Rio de Janeiro

Douglas de Souza Evangelista

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2036>

DOI: 10.4000/pontourbe.2036

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Reférence eletrónica**

Douglas de Souza Evangelista, « Shopping-chão: identidade e circulação de pessoas e objetos em uma feira de “antiguidades” e “usados” no Centro do Rio de Janeiro », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2036> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2036

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# *Shopping-chão: identidade e circulação de pessoas e objetos em uma feira de “antiquidades” e “usados” no Centro do Rio de Janeiro*

Douglas de Souza Evangelista

---

## Introdução

- 1 Este texto pretende comunicar minha experiência de campo, compreendida entre os dias 12 a 20 de julho de 2014. Atualmente, as temáticas urbanas têm atraído crescente interesse dos pesquisadores; seja por conta das transformações na paisagem da cidade causadas pelo impacto das intervenções e projetos urbanísticos para acolher os grandes eventos – como é o caso do Rio de Janeiro e as obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos – ; seja pelo fluxo constante das dinâmicas sociais que, juntamente com todas as problemáticas enunciadas a partir dessa relação, constituem o cenário perfeito para um fazer antropológico que toma as cidades como “lugares estratégicos para se pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade” (Hannerz 1999:154).
- 2 A cidade aparece não como pano de fundo e cenário para as ações, mas como ator participativo dos processos socioculturais. Ao deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos, a chamada “antropologia da cidade” propõe uma unidade analítica relacional e situacional, partindo dos lugares para as pessoas (Agier 2011:21). É com essa perspectiva que a presente pesquisa procura se aproximar do objeto aqui exposto. Busco compartilhar as inquietações, dúvidas e reflexões sobre minhas incursões em campo, bem como apresentar o tema e seus possíveis aportes teóricos e chaves de interpretação.
- 3 Tomei contato com o “shopping-chão” e seus realizadores durante o segundo semestre de 2013, quando cursei a disciplina “Antropologia Urbana”, ministrada pela Profa. Dra.

Roberta Sampaio Guimarães (DPCIS/UERJ). Além da bibliografia, vídeos e convidados que compuseram as aulas, fomos estimulados a empreender uma pesquisa como avaliação final. Como morador do Centro do Rio de Janeiro, achei por bem investigar algo relacionado ao meu ambiente. Assim, movido pelas discussões em sala de aula, inicialmente, decidi-me a examinar um trecho recém-urbanizado de uma rua do Centro, a rua da Lapa.

- 4 A ideia inicial era colher relatos sobre os impactos causados pelo ordenamento urbano. Entretanto, as incursões em campo e as entrevistas coletadas me levaram a um ajuste de foco, permitindo aguçar meu olhar para outro fenômeno inicialmente despercebido. Com o propósito de abranger diferentes percepções, as entrevistas foram conduzidas com frequentadores, moradores da vizinhança, comerciantes locais e moradores de rua; as perguntas foram dirigidas de forma a identificar os diferentes enunciados dos relatos: suas contradições, semelhanças e oposições, assim como o tensionamento existente entre esses atores e os agentes governamentais. Entre as ocupações dos entrevistados, figuravam camelôs, comerciantes, “guardadores” de carro e ambulantes. Dentre essas vozes, os discursos e práticas que mais me chamaram a atenção foram os dos integrantes do “shopping-chão”, comércio informal que trata, basicamente, da venda de objetos coletados no lixo, expostos em lençóis e toalhas nas calçadas. Muitos destes revelaram-se descontentes com a nova “praça”, pois com o controle mais rígido ao comércio informal, tiveram sua principal atividade econômica prejudicada.



As calçadas e o “shopping-chão” - Fotografia do autor

## Feira da Praça XV versus Shopping-chão: “antiguidade”, “quinquilharias”, “trecos” e “cacarecos”

- 5 Para localizarmos o modo como o “shopping-chão” se inscreve no circuito mais amplo de circulação de pessoas e objetos da cidade, é preciso descrever a origem do termo e suas práticas. O termo usado para designar o comércio informal de objetos de “segunda mão” surge a partir da Feira de Antiguidades da Praça XV. Logradouro público situado no centro da cidade do Rio de Janeiro, a Praça XV de Novembro está localizada entre o Beco dos Barbeiros, as ruas da Quitanda, Primeiro de Março e o centro histórico da Praça Marechal Âncora. Sua principal referência é a Estação das barcas que fazem o trajeto Rio-Niterói. Durante a semana, a Praça XV funciona como qualquer rua de passagem. Entretanto, aos sábados seu cenário é transformado, abrigando a feira de antiguidades que chega a comportar até 400 barracas. Em seus arredores, encontra-se o “shopping-chão”, espécie de anexo da feira desprovido de barracas, cujos objetos, embora antigos e usados, não são considerados “antiguidades” pelos realizadores da feira.
- 6 Anteriormente localizada sob o viaduto da Avenida Perimetral que ligava a avenida Presidente Vargas ao Aterro do Flamengo, a feira foi recentemente afetada pela derrubada da Perimetral, etapa de um conjunto de projetos urbanísticos voltado para a “revitalização” da região portuária da cidade. O transtorno causado pelas obras, além de dificultar o afluxo de visitantes, foi alvo do descontentamento de parte dos feirantes com relação à mudança estrutural e organizacional do evento. Sem o abrigo proporcionado pelo viaduto, em meio aos canteiros de obras, a feira foi obrigada a se redimensionar de acordo com a nova disposição espacial. Contudo, apesar das mudanças estruturais, os limites sociais, com suas distinções e hierarquias, permaneceram entre a feira de antiguidades e o “shopping-chão”. Este último foi ainda mais prejudicado, pois sem a sombra do viaduto seus vendedores ficaram expostos às variações climáticas: o calor excessivo e as chuvas, tornaram-se mais um empecilho a ser contornado na difícil atividade que começa com a coleta e seleção dos objetos, passa pela avaliação das peças, e termina na venda final, em que o valor é conferido de acordo com o grau de conhecimento e capacidade de barganha do vendedor e do comprador.



Feira de Antiquidades ainda sob a Perimetral – Fotografia retirada do site <https://v8andvintage.wordpress.com/page/22/>

- 7 Em sua pesquisa, Loretta (2010) examina a Feira de Antiquidades da Praça XV, a partir das implicações políticas e econômicas engendradas pelo retorno dos objetos ao mercado de rua. Assim, sua preocupação é demonstrar como os objetos descartados alçam o *status* de antiguidades, privilegiando o sistema de classificação produzidos pelos atores sociais envolvidos nesse processo. A autora descreve uma rede de relações que envolve catadores, feirantes e antiquários, constituindo, desta forma, uma escala hierárquica econômica e cultural, em que o antiquário seria o topo dessa pirâmide por desfrutar de maior conhecimento para determinar o valor de cada peça. Na outra ponta, o catador é a base desta escala, pois a ele é relegado o trabalho duro do “garimpo”, atividade de coleta, verdadeira “descoberta” de objetos de valor em meio ao lixo do dia a dia da cidade. Estes objetos, retirados do lixo, retornam ao mercado, ganhando novamente o *status* de mercadorias ao serem comercializados em diversos pontos da cidade. No entanto, as demarcações quanto a seu valor em comparação com as antiguidades são muitas e evidentes aos compradores, além de extensas a seus vendedores. Essa fronteira simbólica é descrita por ela no seguinte trecho:

[...] a presença de vendedores que, sem barracas, ficaram conhecidos por todos aqueles que frequentam a feira pela categoria nativa de “sem terra” ou catadores de lixo. Tal analogia, feita aos trabalhadores rurais “sem terra”, é também identificada nos discursos através do termo “assentamento”, usado pelos feirantes quando se referem aos expositores do “Shopping Chão”, que conseguiram barracas, e portanto foram “assentados” na feira. Assim, uma fronteira configurava-se entre o subir e o descer desta escada. O sentido das fileiras voltava a ser o mesmo, mas já não havia barracas, as mercadorias eram expostas no chão. [...] Tanto o organizador da feira de antiguidades da Praça XV como todos os expositores que dela participam reconhecem a fronteira simbólica, que os separa do mercado chamado de “Shopping Chão”. (Loretta 2010:44)

- 8 Logo, pode-se inferir que não só os objetos por eles comercializados são considerados de menor valor, tratados como “lixo”, “cacarecos”, “quiquilharias”, e por isso sem importância e desmerecidos, mas por extensão, as pessoas que com eles lidam também recebem essa denominação pejorativa, em um processo de objetificação dos sujeitos, onde estes encontram-se no mesmo nível que suas mercadorias: menosprezados, sujos, sem “real valor”. O ato de nomeá-los desta forma, indica a lógica de diferenciação operada pelos feirantes e antiquários, bem como tenta esconder a imbricada relação entre estes e os catadores, os chamados “garimpeiros”. Regularmente, os feirantes, antiquários e outros compradores “especializados” percorrem o “shopping-chão” em busca de alguma peça de valor, espécie de joia bruta a ser polida pelo conhecimento de sua procedência. Há casos, inclusive, de “garimpeiros” contratados por feirantes para fornecer peças rentáveis. Por sua vez, em uma relação dialética, parte dessa lógica é apreendida e absorvida pelos catadores que, em busca de novos mercados, e através da experiência adquirida no trato com estes especialistas, se apropriam destes discursos e os utilizam como táticas frente às estratégias do comércio oficial, chegando a se denominarem como “vendedores de antiguidades”.



“Lixo”, “quiquilharias”, “trechos” e “cacarecos” – Fotografia do autor

- 9 Desta forma, sua relação para com os objetos, além de atividade econômica e meio de vida, atuaria também como processo identitário, posto que na construção dos signos comunicados pela transformação dos objetos “sem valor” em “peças”, e do “lixo” em “antiguidades”, há também a ressignificação de suas próprias noções sobre a atividade que exercem, atenuando assim o sentido marginalizado de seu trabalho. As categorias acionadas durante estas etapas são manejadas por esses atores de acordo com os contextos; colocados em diálogo com os antiquários e compradores, os artifícios por estes empregados são reutilizados em outras situações que não as de negociação em áreas oficiais de comércio de antiguidades. No “shopping-chão” há condições para permuta e solidariedade, e antes de ser um “evento” fixo – apesar de acontecer regularmente em

alguns pontos da cidade -, trata-se de uma prática móvel e dinâmica, autogestionada, que atua de acordo com o acirramento ou relaxamento da fiscalização por parte da administração pública. Portanto, este tipo de feira alternativa subverte os valores e estatutos conferidos pelas feiras oficiais e as narrativas produzidas por seus organizadores.



“Antiguidades” expostas na Feira da Praça XV – Fotografia de Fernanda Sigilião retirada do site <http://www.naosogato.com.br/lugares/feira-de-antiguidades-da-praca-xv-2/>

- 10 O que há de singular nessa prática é justamente seu fluxo, os *trajetos*, *mapas* e *percursos* por ela desenhados, envolvendo diversos atores em uma feira móvel, resistente às políticas de ordenamento e domesticação dos espaços e pessoas, e produtora de novas relações e usos dos objetos e espaços urbanos (Certeau 1994:198). Neste sentido, interessa-me o percurso realizado pelos objetos desde o descarte até sua comercialização, as diversas formas de apropriação do discurso oficial por parte de seus realizadores, assim como sua especificidade e originalidade. Uma possível chave de interpretação, seria a utilizada por Kopytoff (2008) na chamada “biografia cultural das coisas”. Segundo o autor, ao se traçar uma biografia cultural dos objetos seria possível perceber suas fases de vida, gradações, sobreposições e recorrências de classificações em determinada sociedade, destacando sua circulação e as ambiguidades das variações de seus *status* sociais.
- 11 Essa perspectiva foi explorada com sucesso por Guimarães (2011) em um artigo sobre o uso dos balaios em um cortejo religioso chamado Presente de Iemanjá. Neste texto, a autora demonstra como os balaios podem adquirir diferentes significações de acordo com o contexto em que apareçam. Desde sua manufatura, até seu uso final, diversos são os sentidos a eles atribuídos. Seguindo o próprio itinerário apontado pelas diferentes maneiras da abordagem antropológica da cultura material, os balaios percorrem trajetos variados, tendo no aspecto funcional sua carreira ideal, porém, suas possibilidades de uso são ampliadas de acordo com os suportes em que figurem: como objetos decorativos, no caso das lojas e grifes de design de interiores; como obras de arte, em exposições e

galerias; como artefatos etnográficos em museus e coleções; e por fim, como objetos ritualísticos usados em cerimônias religiosas (Guimarães 2011:130).

- 12 As notas de campo podem dar algumas pistas sobre as biografias e suportes das “quinquilharias”, “trechos” e “cacarecos” expostos no “shopping-chão”.
- 13 Sábado, 12/07/2014, estive na Feira de Antiguidades da Praça XV. A ideia dessa incursão em campo foi identificar potenciais entrevistados e colher os primeiros dados e impressões acerca da hipótese inicialmente formulada de que o uso da palavra “antiguidade” pelos realizadores do “shopping-chão” embutiria em seu sentido uma tentativa de atribuição de valores aos objetos comercializados. “Shopping-chão” é o nome com o qual foi batizado o mercado de “usados” derivado da Feira de Antiguidades da Praça XV, e trata-se da venda de objetos, em geral coletados do lixo ou adquiridos através de doações, trocas e compras. Apesar de ainda ser realizado no mesmo local de origem, seu modelo expandiu-se, transformando-se em uma feira móvel que ocorre em vários pontos da cidade. Mesmo que muitos dos objetos comercializados detenham suas qualidades estéticas e funcionais, o fato de estarem em um suporte muito identificado à atividade dos catadores leva-os à perda de *status* de mercadorias. Penso que o emprego da mesma categoria utilizada pelos feirantes oficiais, além de dotá-los de certo valor comercial, refletiria uma busca pela chancela não autorizada pelo crivo oficial, ressignificando as práticas e as identidades dos atores envolvidos.
- 14 Pude constatar a ocorrência da subalternização do comércio informal em relação a feira oficial, pois como se trata de um mercado paralelo ao das “antiguidades”, o fato de ser promovido por catadores e “garimpeiros” além de estigmatizar seus vendedores, desvaloriza as mercadorias ao diferenciá-las negativamente como “lixo”. Entretanto, dois dos entrevistados revelaram-se negociantes profissionais de antiguidades. Um deles, Chiquinho, que junto de sua mulher, Eunice, trabalha no ramo há mais de vinte anos, é proprietário de uma loja em Laranjeiras e tem entre seus clientes “gente do teatro e da Globo”. Sua opção por expor no “shopping-chão”, parece derivar de sua insatisfação com os rumos da organização da feira. O preço para manter as bancas, a possível desonestidade envolvida na produção do evento, e a desorganização foram justificativas utilizadas por ele e por Magno, outro expositor que desistiu da feira. Além destes fatores, indicaram também o transtorno causado pelas obras de “revitalização” promovidas pela prefeitura.



Sem o abrigo do viaduto, vendedores trabalham sob o sol – Fotografia cedida por Filippo Martucci

- 15 A Praça XV, assim como diversas outras áreas do Centro do Rio, passa por severas intervenções em sua paisagem. Notei entre as bancas imensas poças formadas pelo difícil escoamento das águas pluviais. Esses fatores em conjunto contribuem, a meu ver, para o descontentamento com a feira oficial nos relatos dos expositores que migraram para o “shopping-chão”. Além de Chiquinho e Magno, fiz contato com dois “garimpeiros”: Édson e Luiz. Ambos foram muito abertos à conversa e demonstraram interesse nas perguntas. Seus relatos, elípticos e por vezes confusos, serviram para o mapeamento inicial de como ocorre a coleta dos objetos que serão postos à venda. Bairros como Copacabana (mencionados por ambos), Catete, Laranjeiras e Botafogo surgem como lugares privilegiados para o “garimpo”.
- 16 Luiz disse ser um dos fundadores do “shopping-chão” e demonstrou grande desenvoltura e conhecimento acerca das técnicas necessárias para colher, avaliar e negociar as peças. Chamou-me atenção seu senso e percepção sobre os espaços ao descrever os melhores pontos de coleta: “casa antigas de vila são melhores que apartamentos de luxo, prédio novo só tem coisa nova”. Édson contou que tem profissão, trabalha na construção civil, “em obras”, mas que foi demitido e não pôde pagar aluguel, por isso faz o “brechó” para sobreviver. Mora em uma ocupação no Beco do Rato, na Lapa, e não entende o que torna um objeto antiguidade e outro não; para ele, isso é fruto dos “poderosos, são eles que decidem”.
- 17 Outra preocupação identificada nos discursos dos entrevistados diz respeito à legalidade da origem dos objetos. A categoria nativa “proveniência duvidosa” é descrita pelos vendedores como parte do discurso usado pela Guarda Municipal. Segundo eles, a Guarda usaria o termo como forma de intimidação para facilitar o recolhimento das mercadorias. Assim, nos relatos de Chiquinho e Magno, senti certa vacilação na resposta, pois pensaram que meu interesse seria a proveniência das mercadorias como frutos de ações ilegais, o que prontamente foi esclarecido, mas entendido por Magno como uma

dificuldade a ser enfrentada em caso de se conduzir uma pesquisa mais profunda sobre o tema. Luiz, por sua vez, me deu uma resposta bem humorada e maliciosa, dizendo que “quando se vai comprar um apartamento em Miami ninguém pergunta ao dono como foi que ele obteve o imóvel”. Édson disse conseguir sempre no lixo. Chiquinho e Magno ressaltaram em suas falas a diferença básica entre sua atividade e a de Édson e Luiz: a compra de peças. Essa afirmação indica certa escala hierárquica entre “lixo” e “antiguidade”, pois a negociação e a compra diferenciam essencialmente as mercadorias. Ainda que ocupem o mesmo espaço não oficial, a hierarquia se faz presente através de diferenciações deste tipo. Mesmo que eventualmente comprem objetos dos “garimpeiros”, os feirantes do “shopping-chão” não consideram que realizem a mesma atividade que estes. Pelo que notei, começam a se estabelecer dois níveis no próprio “shopping-chão”: um formado por ex-expositores insatisfeitos e outro pelos “garimpeiros”.

- 18 Em outra incursão, no dia 20/07, um domingo, conversei com outros participantes do “shopping-chão”, desta vez, em outro ponto da cidade, na rua da Lapa. Conhecido ponto turístico da cidade, famoso por sua associação à boêmia e malandragem cariocas, a Lapa, ainda que não seja reconhecida como bairro pela administração municipal, pode assim ser entendida, uma vez que se trata de uma “área relativamente grande da cidade, na qual o observador pode penetrar mentalmente e que possui características em comum” (Lynch 1997:74). Pontuada por bares, casas noturnas, centros culturais e restaurantes, sua agitada vida noturna funciona durante toda a semana e atrai milhares de pessoas. Situada geograficamente nos limites entre o Centro e a Zona Sul, a rua da Lapa é uma faixa contígua entre os bairros do Centro e da Glória. Cercada por edificações deterioradas, depósitos de bebidas, *hostels*, sobrados e pequenos comércios populares, a rua possui dois edifícios residenciais e é em grande parte habitada por moradores de rua, desempregados e trabalhadores informais que residem em cortiços, ocupações ilegais, hospedagens e vagas. Anteriormente utilizado como estacionamento, suas calçadas eram ocupadas por ambulantes e constantemente havia lixo nas esquinas. O trecho em questão, após as obras, foi equipado com novo mobiliário urbano, canteiros, brinquedos e manutenção regular, dando ares de praça ao intervalo entre as ruas Joaquim Silva e Taylor. Essas mudanças na paisagem, por sua vez, terminaram por estimular o convívio e o uso público

do espaço, gerando novas relações e usos, e consolidando antigos laços entre os moradores e frequentadores.



Vista aérea da rua da Lapa antes da reurbanização – Fotografia de Custódio Coimbra retirada de <http://oglobo.globo.com/rio/transito-na-lapa-sera-fechado-nas-noites-de-sexta-sabado-partir-de-julho-2991340>

- 19 Cabe dizer que notei uma diferenciação entre os conceitos que anteriormente eu atribuía à localidade dos eventos; o “shopping-chão” é o próprio evento, a feira ilegal; o “brechó” é a prática, o tipo de comércio feito com as peças, sejam elas “lixo” ou “antiguidades”, “peças boas”. Em minha primeira conversa, conheci Marcos, recém-chegado de Tocantins, que me relatou novidades para um possível desdobramento da pesquisa. Afirmou haver gradações no “garimpo”. O primeiro estágio da “escala de valor” por ele citada, seria a cata de latinhas, seguida pela coleta do papelão e por último – o topo, segundo suas próprias palavras – o “garimpo”. Segundo ele, que está há apenas três meses “fazendo o brechó”, a atividade é a mais rentável.
- 20 Edvan, cujas mercadorias estavam ao lado das de Marcos, apressou-se em me oferecer uma câmera analógica antiga o suficiente para desvalorizá-la, mas recente demais para se tornar antiguidade. Porém, sua técnica de venda ficou clara na demonstração dos prodígios da câmera tais como o zoom automático e a qualidade do fabricante *Canon*. Este era seu produto mais valioso, e era mantido sob sua proteção em uma bolsa a tiracolo, fato que notei ter importância ao indagá-lo se a venda não seria mais fácil se a câmera estivesse exposta, o que foi rapidamente reprovado por ele. Contou-me ter conseguido alugar um quarto em São Gonçalo apenas com a renda adquirida das vendas no “shopping-chão”.



Marcos, Edvan e seus “brechós” – Fotografia do autor

- 21 Além deles, conversei também com Vanessa. Ela sofre de algum tipo de disfunção auditiva, o que se nota em sua própria fala enrolada. Por este motivo, mantém contato visual constante e frequentemente pede para repetir o que foi dito. Durante o tempo que passei com ela, presenciei o que considero uma parte da rede de solidariedade que se forma em torno dessas pessoas: um senhor, mais tarde nomeado por ela como um velho conhecido, deixou uma sacola com itens a serem revendidos. Segundo Vanessa, ele periodicamente doa objetos a ela, e sua esposa, curiosamente, é uma de suas clientes. Desse modo, os objetos circulam da casa dele para Vanessa, e voltam à sua casa – não os mesmos, suponho – através das compras de sua mulher.
- 22 Outro entrevistado, Russo, possui uma percepção um pouco diferente da “solidariedade” vivenciada por Vanessa. Para ele, o “garimpo” e o “brechó” aparecem como práticas em que imperam a agressividade, de “um contra o outro” constante, todos os dias. Enfatizou a “falsidade”, a “ausência de ajuda mútua” e a “competição” presentes nas atividades. Desconfiado, desdenhou de minhas motivações de pesquisa e afirmou ser mais fácil aprender na prática. Inicialmente se recusou a participar da entrevista por achar que teria que assinar algo, depois ficou mais descontraído e tranquilo e forneceu uma informação importante: disse que suas mercadorias vêm de “contatos”, pois ele não “suja mais as mãos”, ou seja, não faz mais o garimpo dos objetos em sacolas de lixo. Contou-me que sua família o “desconsiderou” por não ter “vencido na vida”, que já foi camelô em Copacabana e que também trabalha na Praça XV e em São Cristóvão, confirmando outros relatos sobre a existência de um circuito desses objetos pela cidade. Seus “contatos” são porteiros, outros vendedores e compradores que oferecem os objetos em uma relação de troca, “tudo é uma troca”, segundo ele. Fez questão de enfatizar a reciprocidade esperada no ramo, já que “ninguém faz nada de graça”.
- 23 Conforme vimos, trata-se de um tema extremamente fértil e atual, alinhado às discussões contemporâneas mais amplas sobre a cidade. A riqueza existente na experiência cotidiana

dos realizadores do “shopping-chão”, suas relações com os lugares e situações concretas, suas soluções criativas, são os objetivos que movem esta pesquisa. Em busca de um tipo de conhecimento que se desenvolva em sintonia com as práticas observadas em sua dimensão relacional e situacional, as categorias chamadas por Agier (2011) de “lugares, situações e movimentos”, espero explorar com profundidade o tema.

- 24 A partir dos dados até aqui coletados, minha proposta é continuar observando os vendedores em seus fluxos e trajetórias pela cidade. Se possível, acompanhá-los em suas idas ao “garimpo”, mapeando pessoalmente os lugares preferidos para coleta dos objetos, bem como sua circulação pelos diversos pontos de venda de “usados” e “antiguidades” da cidade. Uma vez retirados do lixo, estes objetos passam a fazer parte de uma complexa rede de trocas e classificações que é produzida pelos processos de interação entre diversos tipos de atores sociais, sendo por isso interessante identificar e seguir o percurso dessas pessoas e objetos, desvelando, desta forma, os circuitos e as práticas simbólicas subjacentes a estes processos.

---

## BIBLIOGRAPHY

- AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da cidade*. São Paulo: Terceiro nome.
- CERTEAU, Michel de. 1994. “Relatos de espaço”. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes. pp. 182-198.
- GUIMARÃES, Roberta Sampaio. 2011. “Entre vulgarizações e singularizações: notas sobre a vida social dos balaios”. *Horizontes Antropológicos*, v. 17 n. 36: 125-143.
- HANNERZ, Ulf. 1999. “Os limites de nosso auto-retrato: Antropologia urbana e globalização”. *Mana*, v. 5 n.1: 149-155.
- KOPYTOFF, Igor. 2008. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In: A. Appadurai (org.), *A vida social das coisas*. Rio de Janeiro: Eduff. pp. 89-121.
- LORETTI, Pricila Tavares. 2010. *Do lixo ao luxo: a valorização de objetos a partir da Feira de Antiguidades da Praça XV*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia, IFCS-UFRJ.
- LYNCH, Kevin. 1997. “A imagem da cidade e seus elementos”. *A Imagem da cidade*. São Paulo: Martins fontes. pp. 51-100.

## AUTHOR

### DOUGLAS DE SOUZA EVANGELISTA

Graduando em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro -  
dougasevangelista@gmail.com